

## CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: QUE FILOSOFIA?

Carla Ferreira

*Universidade de Coimbra (Portugal)*

Leonor Lopes

*Direcção Regional de Cultura do Centro (Portugal)*

Maria Elisa Grilo

*Escola Superior de Educação de Coimbra (Portugal)*

Vânia Savioli

### Introdução

Se vivemos na era da informação, que coisa é esta que caracteriza uma época?

A resposta à questão: “O que é a informação?” está longe de estar esgotada. Falamos dela, mas não somos capazes de a definir por inteiro. Será que esta indizibilidade é mais uma das suas características? Será que a informação está em tudo e tudo é (ou tem) informação? Do que não restam dúvidas é de que a sociedade humana não pode prescindir dela. A Ciência da Informação (CI) ocupa, neste contexto, um lugar cimeiro, uma vez que é a ciência que estuda e analisa a forma como a informação é produzida, desenvolvida, organizada, armazenada, recuperada, disseminada, avaliada e gerida.

A relação entre informação e o sujeito que a detém e a relação que a pessoa informada vai ser capaz de estabelecer com o mundo que a rodeia poderão ser a razão pertinente que faz deste objecto fugidivo o centro de tantas atenções.

De que instrumentos, de que métodos, disciplina ou ciência precisamos para compreender a informação? Se no dizer de Saint-Exupéry “Uma pessoa para compreender tem de se transformar”, que matéria é esta que queremos apreender e nos faz ser outros?

### Objectivos e Metodologia

O objectivo deste trabalho é apresentar a posição de Luciano Floridi relativamente ao tipo de filosofia que poderá servir como suporte teórico à CI, contribuindo, na medida do possível, para o esclarecimento e debate de ideias no âmbito da cintura de disciplinas que gravitam em torno do objecto *informação*, mais concretamente, no âmbito da CI.

A metodologia adoptada passou por uma análise de estudos publicados e por um extenso e reflectido trabalho de síntese. Pretendemos com esta metodologia evidenciar as dificuldades na definição de *informação* e, conseqüentemente, de *ciência da informação*. Estas dificuldades, que residem na interdisciplinaridade da CI e na inefabilidade do seu

objecto, podem vir a ser ultrapassadas com a apropriação de uma filosofia emergente: a Filosofia da Informação (FI).

Mais do que procurar argumentar a FI como sendo a filosofia da CI, é nosso objectivo apresentar e caracterizar esta filosofia emergente (cujo surgimento é justificado pelo estabelecimento da Sociedade da Informação) e trazê-la para o debate epistemológico da CI.

## Resultados e Discussão

Segundo Floridi (2002), a FI é um campo filosófico relacionado com a investigação crítica da natureza conceptual e dos princípios básicos da informação (incluindo a sua dinâmica, utilização e ciências), com a elaboração de metodologias teóricas informacionais e computacionais e com a aplicação destas a problemas filosóficos.

Ilharco (2003) vê na FI a possibilidade e o potencial de esta vir a constituir-se como a primeira área da filosofia que pensa, reflecte e questiona os vários tipos de investigação, de aplicação e de desenvolvimentos filosóficos ou científicos relacionados com o fenómeno informação.

Se assim for, será na FI que a CI irá beber os seus fundamentos teóricos e não na Epistemologia Social (ES) onde, e segundo Floridi (2002), a *Library and Information Science* (LIS) tem ido buscar a sua fundamentação teórica. Este facto terá contribuído para a crise de identidade que a LIS tem atravessado.

A razão pela qual Floridi (2002) defende que a LIS deve assentar os seus princípios fundamentais na FI e não na ES, tem a ver com o facto de a LIS operar a um nível mais fundamental do que o epistemológico: o objecto da LIS não é o conhecimento em si, mas as fontes de informação que o tornam possível, mesmo que apenas indirectamente.

Floridi fundamenta a sua posição afirmando que a ES pode referir-se a dois campos distintos de investigação: a Sociologia do Conhecimento (SC), que é a memória descritiva e estudo empírico das causas históricas e as condições do conhecimento; e a Epistemologia Social do Conhecimento (ESC), que é o estudo crítico e conceptual das dimensões sociais do conhecimento.

Diferentemente de SC, a LIS tem uma posição normativa e, portanto, exige mais do que uma abordagem puramente descritiva. A biblioteca, por exemplo, é um lugar onde necessidades educacionais e de comunicação e os valores são implementados, onde conteúdos são avaliados e seleccionados para o público e em que práticas como a catalogação, por exemplo, estão longe de ser neutras e livres de avaliação. Esta situação normativa afasta a LIS da ESC.

Perante este desajuste da ES como fundamentação teórica da LIS, Floridi (2002) avança com uma nova teoria: a *LIS aplicada como FI* seria a disciplina interessada nos documentos, nos seus ciclos e nos procedimentos, técnicas e dispositivos, através dos quais estes são implementados, geridos e regulamentados. A LIS aplica os princípios fundamentais e técnicas gerais de FI para resolver, definir e lidar com problemas práticos e com fenómenos específicos e concretos. Realiza objectivos práticos (por exemplo, conservação, valorização, educação, pesquisa, comunicação e cooperação), contribuindo, assim, para o desenvolvimento da investigação fundamental na FI.

Entendida como uma filosofia funcional de análise e design da informação, a FI pode explicar e orientar a construção significativa do nosso ambiente intelectual e fornecer o tratamento sistemático das bases conceptuais da sociedade contemporânea.

Segundo o autor, se partirmos do princípio de que a LIS recorre à FI e que esta pode dar-lhe uma fundamentação teórica, a questão seguinte é saber como ambas podem interagir mais especificamente. Uma abordagem da FI à LIS é poder trabalhar nas ontologias dos objectos de estudo da LIS, construindo uma teoria dinâmica da informação e trabalhando o lado ético da informação.

A FI não pretende substituir a LIS. De facto elas não olham para o objecto *informação* de igual modo. Em comum têm o facto de desenvolverem a sua actividade em torno desse objecto, tal como outras ciências (por exemplo, a Informática). O estudo que estas ciências fazem da informação não é igual mas complementar.

Agora é o tempo de fazer uma nova reflexão sobre a informação: a FI pode ser a janela aberta para uma melhor compreensão dessa realidade antiga e sempre renovada, pela sua razão de ser e estar na sociedade contemporânea, senão a única para responder aos novos desafios éticos que hoje se colocam.

## Referências bibliográficas

- Floridi, Luciano (2002). On defining library and information science as applied philosophy of information. *Social epistemology*. 16:1, 37-49. Retrieved from <http://www.philosophyofinformation.net/publications/pdf/isaspi.pdf>
- Ilharco, Fernando (2003). *Filosofia da Informação: uma introdução à informação como fundamentação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica.
- Matheus, Renato Fabiano (2005). Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 10:2, 140-165. Retrieved from <http://eprints.rclis.org/5859/1/MATHEUSRafaelCapurroPCI2005.pdf>
- Silva, Armando Malheiro da, & Ribeiro, Fernanda (2002). Das «ciências documentais» à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento.
- Robredo, Jaime (2007). Filosofia da ciência da informação ou ciência da informação e filosofia? : Uma questão que merece ser pensada. Retrieved from <http://www.cinform.ufba.br/7cinform/soac/papers/369a2be3343ea1ed160564371174.pdf>